

Cobra Norato: Estreia de um delírio sensorial e mitológico no coração da floresta – Por Raphael Andrade

Montagem Operística: Ópera Cobra Norato, Terras do Sem-fim.

Montagem: Festival de Ópera do Theatro da Paz.

Raphael Andrade¹

A ópera contemporânea “Cobra Norato” mergulha fundo nas águas míticas do poema modernista de Raul Bopp, publicado em 1931. Inspirada pelo movimento antropofágico, a obra funde elementos do folclore amazônico com uma linguagem poética fragmentada, quase telegráfica e profundamente visual. A encenação traz esse universo simbólico para o presente, ativando sensorialmente o público com sons, cores, movimentos e ritmos que evocam tanto o Brasil “de dentro”, quanto o contemporâneo.

Bopp nos conduz a uma Amazônia onde tudo pulsa: troncos que respiram, águas que murmuram, tatu que anuncia o perigo do tempo com seus cantos beijudos. É uma floresta que fala, grita, sussurra e resiste. Nesse universo, música, adaptação dramática e poesia se entrelaçam como cipós ancestrais, formando uma linguagem viva, híbrida, onde cada som é também um gesto, e cada verso carrega o peso de milênios. Aqui, no estupendo Theatro da Paz, o delírio modernista encontra sua mata nativa, e a cena se transforma em ritual.



Nos primeiros minutos da apresentação, a atmosfera é marcada pelo barulho de serra elétrica e sons de animais, indicando uma tensão entre o natural e o artificial, entre o sagrado e o profano — temas centrais do modernismo e da própria cosmologia indígena. O primeiro canto, porém, surge abafado, quase inaudível, como se a floresta exigisse silêncio ou reverência para que se possa ouvir suas vozes verdadeiras.

A trilha sonora, por sua vez, incorpora ritmos amazônicos e recria um ambiente onde o som e o silêncio dialogam com a cena. Palavras, seres e nomes surgem como feitiços ou entidades: Pororoca, Mussangulá, Joanelha, Tatu, Tarumã — cada um carrega um eco cultural e simbólico. A floresta, mais do que cenário, é entidade viva e pulsante. Em momentos mais líricos, frases como “Vivo exilada em meu paraíso” e “Nossa Senhora e Tupã” sintetizam a fusão entre religiosidade indígena e cristã, revelando uma poética do sincretismo que reafirma a riqueza simbólica do Brasil profundo. Nesse universo mágico, a devoção encontra o mito e a fé se traduz em resistência.

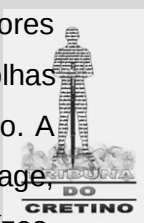
Visualmente, o espetáculo impressiona: Os figurinos fluem como águas de igarapé, ondulam em cena com texturas que evocam folhas, escamas, penas e limo. Cada traje parece ter brotado da

¹ Artista-professor-pesquisador paraense. Formado pelo Curso Técnico em Teatro (ETDUFPA, 2015) e Licenciado em Teatro pela Universidade Federal do Pará (UFPA, 2018). Mestre em Arte e atualmente doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Artes (PPGArtes/UFPA) O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001”.

terra molhada, como se tivesse sido costurado pela própria floresta: há tecidos que lembram cascas de árvores, bordados que imitam trilhas de formiga, vestimentas que se movem como cipós ao vento. Nada está ali por acaso. As cores falam — verdes densos, amarelos queimados de sol, vermelhos de sangue e barro. As formas vestem o corpo como uma segunda pele, ora celebrando sua animalidade, ora revelando sua fragilidade. Os personagens não apenas usam roupas; habitam verdadeiras armaduras simbólicas, que os transformam em criaturas míticas: o caboclo, o tatu, a joaninha e a entidade.

O visagismo é detalhista e ritualístico, criando figuras híbridas. As maquiagens de brilho fosforescente iluminam rostos que parecem saídos de sonhos tropicais, por um visagismo cuidadosamente construído criam personagens de aparência “anaxonida” — termo que sugere algo alienígena ou ancestral, difícil de classificar — meio gente, meio encantado — que transitam entre o delírio e o mito. Tudo pulsa em sincronia com o ambiente sonoro e o ritmo da narrativa, compondo uma Amazônia viva, onírica e em permanente estado de encantamento. Os figurinos, mais do que adornos, são extensões da alma cênica da obra — testemunhas têxteis de um Brasil profundo, encantado e ancestral.

Ao fundo, projeções da floresta amazônica se transformam em um organismo vivo. Não são apenas imagens: são pulsações, respirações visuais que acompanham o ritmo da cena. Árvores que se agitam como se falassem, rios que correm ao contrário, olhos que surgem entre as folhas — tudo colabora para criar um cenário mutante, ora úmido e sufocante, ora etéreo e lisérgico. A floresta, projetada em camadas de luz e sombra, não é paisagem, é personagem: observa, reage, protege ou ameaça. É como se o público estivesse dentro de um sonho vegetal, cercado por raízes, cantos e segredos.



O tenor Jean William, no papel de Cobra Norato, entrega uma performance de altíssimo nível, com domínio vocal e cênico absoluto. Sua presença em cena é magnética, e sua voz — um tenor de coloratura — percorre os extremos da tessitura com brilho, precisão e expressividade, fazendo dele a figura mais estelar da ópera. Sua atuação dramática confere humanidade ao mítico, transmutando a lenda em carne e gesto.

Ao seu lado, a força vocal de Anderson Barbosa, também como solista de Cobra Norato, destaca-se pela potência e densidade interpretativa, em contraste harmônico com a leveza luminosa de Jean William. Já Idaías Souto, no papel do carismático Tatu de Bunda Seca, conquista o público com um personagem cômico e afetuoso, mistura de sabedoria e travessura, compondo um dos momentos mais encantadores da montagem.

A soprano Lys Nardoto, no papel da Rainha Luzia, surge como uma entidade de rara intensidade. Sua voz, de timbre límpido e poder dramático, paira sobre a cena com autoridade quase mística. Cada entrada sua é uma convocação do sagrado, como se a floresta se calasse para ouvi-la. Com presença cênica elegante e precisa, ela imprime em poucos minutos um impacto duradouro — sua breve participação deixa o público suspenso entre o assombro e o desejo de vê-la mais tempo em cena. É uma aparição fulgurante, digna da realeza encantada que representa.

Cobra Norato não é apenas uma ópera: é um ritual de brasilidade profunda, um mergulho estético e simbólico nas águas do mito, do modernismo e da floresta. A montagem atualiza com vigor e originalidade o poema de Raul Bopp, entrelaçando teatro, música, poesia e imagem em uma experiência sensorial rara no cenário lírico contemporâneo. O espetáculo revela que, mesmo em tempos de acelerada homogeneização cultural, ainda há espaço para a reinvenção de nossos próprios mitos.

Ao reunir intérpretes potentes, visualidade impactante e uma escuta atenta ao Brasil profundo, a ópera afirma que o imaginário popular é terreno fértil para a criação artística de excelência. Ao final, fica a sensação de que “entramos em um igarapé e saímos em uma estrela” —com o coração atravessado por cobras, cantos e encantamentos. Uma obra que pulsa no presente, mas reverbera como um eco antigo, ancestral.

Maio de 2025

